

IV. Estilos Parentais e Autonomia dos Filhos Adolescentes

José Gomes da Costa

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Centro de Psicologia da Universidade do Porto

Resumo

O objecto de estudo deste artigo é a Parentalidade no contexto da Psicologia do Desenvolvimento, e o seu objectivo é contribuir para a compreensão do papel dos pais no desenvolvimento da autonomia na fase final da adolescência. O método de estudo compreendeu uma amostra de 575 sujeitos (236 rapazes e 339 raparigas), entre os 18 e os 21 anos, estudantes no Ensino Superior. Para a avaliação do estilo parental foi utilizado o Questionário de Ligação Parental e para a avaliação da autonomia recorreu-se ao Inventário de Separação Psicológica. Os resultados demonstram que a expressão parental de apoio, aprovação, aceitação e compreensão se correlaciona sempre, quer tenha origem no pai ou na mãe, com o comportamento autónomo dos adolescentes em relação aos seus pais; pelo contrário, a expressão parental de uma proximidade excessiva, controladora e intrusiva, inibe a conduta autónoma dos adolescentes e favorece a dependência funcional, ideológica e emocional.

Palavras-chave: estilos parentais, adolescência, autonomia.

Abstract

The object of study of this article is Parenting in the context of the Psychology of Development, and its objective is to contribute to the understanding of the role of the parents in the development of autonomy in the final phase of adolescence. The method of study consisted of a sample of 575 subjects (236 males and 339 females), between the ages of 18 and 21, all students at University. For the evaluation of parental style we used the Questionário de Ligação Parental and for the evaluation of autonomy we used the Inventário de Separação Psicológica. The results demonstrate that the parental expression of support, approval, acceptance, and under-

standing, is always related, whether the source is the father or the mother, to the autonomous behaviour of the adolescents with regard to their parents; while the parental expression of an excessive, controlling, and intrusive proximity inhibits the autonomous conduct of the adolescents and favours functional, ideological, and emotional dependence.

Key words: parental style, adolescence, autonomy.

1. Introdução

Os estilos parentais podem definir-se como o padrão geral de educação que caracteriza o comportamento dos pais na relação com os filhos (Deslandes & Potvin, 1998). A identificação dos estilos parentais baseia-se em duas dimensões do comportamento dos pais na interacção com os filhos, inicialmente propostas por Baumrind (1968, 1991), e Maccoby & Martin (1983) – compreensão (*responsiveness*) e exigência (*demandingness*) e mais tarde retomadas por outros autores como Barber (1997, 2002) e Brazelton (2005). Barber (1997, 2002) refere que o apoio e o controlo são as duas categorias que organizam o comportamento parental. O apoio compreende variáveis como calor afectivo, compreensão, aceitação e proximidade, as quais se encontram positivamente associadas ao desenvolvimento. O controlo, sendo um conceito mais abrangente e complexo segundo o mesmo autor, encerra em si variáveis que podem ir da disciplina à punição física e os seus efeitos no desenvolvimento podem revelar-se positivos ou negativos, lineares ou não lineares, variando frequentemente entre um acréscimo da vulnerabilidade ou da resiliência. Consequentemente, este autor propõe a distinção entre controlo comportamental e controlo psicológico: o controlo comportamental é equivalente à disciplina, à clarificação de regras de conduta e à imposição de limites, e incide sobre as actividades diárias, a responsabilização, o ajustamento social, tendo um efeito positivo no desenvolvimento, conduzindo à individuação e ajudando os adolescentes a desenvolverem as suas capacidades de auto-controlo; pelo contrário, o controlo psicológico tem um efeito negativo no desenvolvimento, estando associado à intrusão parental, culpabilização, indefinição identificativa e incapacidade de assumir uma conduta autónoma, recorrendo à coerção e pondo em questão o afecto dos pais pelos filhos, deixando-os inseguros e prejudicando o seu desenvolvimento. Também Brazelton (2005), procurando resumir o essencial das funções parentais, assinala a importância de relações calorosas e estruturadas em que os pais sejam capazes de dar amor – protecção física, segurança, cuidados de saúde e respeito pela singularidade de cada filho; e disciplina – imposição de limites e regras claras quanto ao controlo dos impulsos. Assim, podemos considerar que a função parental compreende resu-

midamente duas dimensões: apoio – cuidados necessários ao desenvolvimento, escuta e atenção; e disciplina – imposição de limites.

Baumrind (1968, 1991) desenvolveu uma tipologia baseada nestas duas dimensões da parentalidade, o que lhe permitiu classificar os estilos parentais em quatro categorias: autoritários (*authoritarian*), democráticos (*authoritative*), permissivos (*permissive*) e rejeitantes-negligentes (*rejecting-neglecting*). Usando as mesmas dimensões do comportamento parental – compreensão e exigência – Maccoby & Martin (1983) desenvolveram um esquema que permite classificar os estilos parentais em quatro categorias: autoritário-autocrático (*authoritarian-autocratic*), indulgente-permissivo (*indulgent-permissive*), indiferente-não envolvido (*indifferent-uninvolved*) democrático-recíproco (*authoritative-reciprocal*). Com base na teoria da vinculação (Ainsworth, 1969/1976; Bowlby, 1958/1976) Parker, Tupling & Brown (1979/1990) propuseram uma tipologia de estilos parentais a partir de dois factores do comportamento parental que os autores identificaram como cuidado (*parental care*) e protecção excessiva (*parental overprotection*). Da combinação destes dois factores do comportamento parental resultam quatro estilos parentais: controlo com afecto, em que um alto nível de protecção e cuidado estão presentes; ligação óptima, caracterizada por um alto nível de cuidado e baixa protecção; ligação fraca ou ausente, em que se manifestam baixos níveis de cuidado e de protecção; e controlo sem afecto, resultante de baixos níveis de cuidado e alta protecção. Nesta tipologia de estilos parentais proposta por Parker et al. (1979/1990), se o factor cuidado é equivalente ao conceito de compreensão proposto por Baumrind (1968, 1991) e por Maccoby & Martin (1983), ou ainda ao conceito de apoio proposto por Barber (1997, 2002), o mesmo não se passa com o conceito de protecção excessiva que difere substancialmente do conceito de exigência tal como definido por estes autores. Na realidade, enquanto a exigência e o controlo comportamental são uma dimensão parental que favorece o ajustamento social e, nessa justa medida, constituem um meio para a aquisição da autonomia (Barber, 1997, 2002; Steinberg & Silk, 2002), a protecção excessiva está aqui claramente associada a um excesso de vinculação que conduz à prevenção de uma conduta autónoma (Melis, Dávila, Ormeño, Vera, & Gloger, 2001), a um clima afectivo constrangedor do desenvolvimento, a um tipo de controlo intrusivo (Gomes-da-Costa, 2006) ou, usando a terminologia de Barber (1997, 2002), ao controlo psicológico.

A autonomia e a procura da identidade são duas questões centrais da adolescência (Gomes-da-Costa, 2006; Sampaio, 2005). A alteração da relação com os pais, através do abandono de uma posição de dependência e a conquista de uma progressiva autonomia, permitem ao adolescente continuar o seu desenvolvimento normal e abrir-se a novas possibilidades de relações extra-familiares. A diminuição da dependência face aos pais, característica da infância, vai ser compensada com um incremento da relação com os pares e o grupo vai passar a desempen-

har um importante papel no desenvolvimento emocional, permitindo continuar o processo de identificação. A autonomia está assim associada à independência pessoal, ao auto-controlo e ao auto-governo. No entanto, a tentativa de operacionalização deste conceito tem levado alguns autores a considerarem as suas várias dimensões. Baseado na perspectiva psicanalítica de Blos (1962/1985) que concebe a adolescência como um segundo processo de separação e individuação, Hoffman (1984) propôs quatro dimensões da autonomia: a autonomia funcional traduz-se na capacidade para tratar das suas próprias ocupações e afazeres sem o apoio dos pais; a autonomia ideológica corresponde a uma diferenciação das atitudes, crenças e valores em relação aos pais; a autonomia emocional compreende a relativa independência em relação à necessidade excessiva de aprovação, proximidade e apoio emocional dos pais; a autonomia conflitual pressupõe a libertação de excessiva culpabilidade, de ansiedade bloqueadora, de ressentimento e raiva em relação aos pais.

Para além dos trabalhos pioneiros de Baumrind (1968, 1991), e de Maccoby & Martin (1983), a que já nos referimos, trabalhos de investigação mais recentes têm sustentado a correlação positiva entre o estilo parental educativo percebido e o grau de autonomia na adolescência. Fleming (1988, 1993, 2005), levou a cabo uma investigação a partir de uma amostra de 994 sujeitos, concluindo que a percepção das atitudes parentais explica 14,8% da variabilidade total da capacidade de realização da autonomia. Alarcón (1987) investigou os processos de separação no adolescente numa amostra de 480 sujeitos, concluindo que a qualidade positiva do suporte parental facilita o processo de autonomização, ao contrário do que acontece quando o suporte parental se traduz por culpabilização, proteccionismo e sentimento de posse em que há uma acentuada diminuição da autonomia. Beyers & Goossens (2003), realizaram uma investigação com base numa amostra de 969 estudantes universitários belgas, com idades situadas entre os 18 e os 22 anos; e um outro estudo (Beyers & Goossens, 2004), este de carácter longitudinal e a partir de uma amostra de 281 sujeitos entre os 18 e os 25 anos, tendo concluído, em ambos, que o estilo parental que expressa apoio e compreensão estimula a autonomia dos adolescentes e reduz o nível de conflitualidade entre estes e os pais. Em suma, de acordo com os estudos citados, um estilo parental educativo em que o peso do factor apoio, ou carinho, é percebido como preponderante, incentiva a autonomia do adolescente e, pelo contrário, um estilo parental educativo percebido como controlador e demasiado protector inibe o seu comportamento autónomo. Em que medida é que o estilo parental educativo, tal como percebido pelo adolescente, condiciona a sua autonomia?

2. Método

Em vista desta questão e do objectivo de investigação – contribuir para a compreensão do papel parental no desenvolvimento da autonomia na adolescência – podemos enunciar a seguinte hipótese: a autonomia na adolescência varia em função do estilo parental educativo, tal como foi percebido pelo adolescente.

Para testar esta hipótese adoptou-se uma metodologia quantitativa que permitisse efectuar um estudo correlacional e comparativo. A hipótese de investigação enunciada foi operacionalizada em indicadores organizados em variáveis independentes e dependentes, procurando contribuir para a explicação da variabilidade da autonomia no adolescente e do estilo parental educativo.

3. Participantes

Participaram neste estudo 575 sujeitos (N=575), 236 rapazes (41%) e 339 raparigas (59%), entre os 18 e os 21 anos, sendo todos estudantes universitários. A média de idades dos participantes é de 19,8 anos. A maioria dos participantes (95,1%) vivia, antes de se encontrar a estudar no Ensino Superior, com ambos os pais. Apenas 3,3% vivia só com a mãe e 1,6% não vivia nem com a mãe nem com o pai. Nenhum dos participantes revelou que vivia só com o pai.

4. Instrumentos

Na avaliação do estilo parental foi utilizado o Questionário de Ligação Parental (Baptista & Lory, 1997), a versão portuguesa do *Parental Bonding Instrument* (Parker, et al., 1979/1990; Parker, 1986). O Questionário de Ligação Parental avalia retrospectivamente a percepção do comportamento parental na relação com o sujeito até aos 16 anos deste, pelo que só é aplicável após esta idade. O questionário compreende 25 afirmações que se baseiam em duas dimensões – carinho (*care*) e protecção (*overprotection*) – que identificam as duas dimensões do comportamento parental na interacção com os filhos e parecem não variar nas diferentes culturas.

Na avaliação da autonomia foi utilizado o Inventário de Separação Psicológica (Almeida, Dias & Fontaine, 1996), a versão portuguesa do *Psychological Separation Inventory* (Hoffman, 1984). Baseado na teorização de Blos (1979, 1962/1985) sobre um segundo processo de separação e individuação na adolescência, o Inventário de Separação Psicológica avalia quatro dimensões da separação psicológica em relação aos pais:

funcional, emocional, ideológica e conflitual: a autonomia funcional tem a sua origem na capacidade que a criança vai adquirindo progressivamente para agir de forma autónoma, correspondendo na adolescência à capacidade para tratar das suas próprias ocupações e afazeres pessoais sem o apoio dos pais; a autonomia ideológica nasce a partir da possibilidade de diferenciação das próprias representações mentais em relação aos outros, o que corresponde, na adolescência, à capacidade de diferenciação das atitudes, crenças e valores em relação aos pais; a autonomia emocional surge a partir da interiorização de regras e à sua posterior diferenciação em relação ao sistema normativo parental e, mais tarde, na adolescência, a uma relativa independência em relação à necessidade excessiva de aprovação, proximidade e apoio emocional dos pais; a autonomia conflitual tem a sua origem na conflitualidade intra-psíquica característica do desenvolvimento infantil e pode ser entendida, na adolescência, como uma libertação de uma excessiva culpabilidade, de uma ansiedade bloqueadora, de ressentimento e raiva em relação aos pais.

Foi ainda construído e aplicado um questionário de dados sócio-demográficos que permitiu recolher informações sobre a idade, o género, a estrutura familiar, o número de irmãos, o nível de escolaridade do pai e da mãe, a profissão do pai e da mãe, o distrito ou país de proveniência, o aproveitamento escolar e, finalmente, o curso e ano que frequentavam os inquiridos na altura da aplicação do questionário.

5. Procedimentos

De acordo com o método adoptado quer pelos autores dos instrumentos de avaliação utilizados (Hoffman, 1984; Parker et. al, 1979/1990), quer por aqueles que traduziram e validaram esses mesmos instrumentos para a população portuguesa (Almeida, Dias & Fontaine, 1996; Baptista & Lory, 1997), procedemos à organização de 12 escalas – quatro relativas às duas dimensões (carinho e protecção) do estilo parental educativo e oito relativas à avaliação da autonomia (funcional, ideológica, emocional e conflitual) – constituídas a partir de variáveis compostas. Foi testado o grau de fidelidade das escalas através do coeficiente *alpha de Cronbach*, a fim de avaliar o seu nível de consistência interna (Leitão, 2002; Pereira, 2003; Pestana & Gageiro, 2005). As duas escalas de autonomia conflitual apresentaram valores *alpha de Cronbach* muito baixos ($\alpha=0,32$ para a escala de autonomia conflitual em relação ao pai e $\alpha=-0,01$ para a escala de autonomia conflitual em relação à mãe), pelo que não revelaram ter uma consistência interna fiável, tendo sido excluídas do instrumento de avaliação. Por seu turno, na escala de autonomia funcional em relação à mãe foi eliminado o item 16, de forma a aumentar o seu nível de consistência interna que assim passou de $\alpha=0,64$ para $\alpha=0,78$. Também na escala de autonomia funcional em relação ao pai foi

eliminado o item 60, passando o seu nível de consistência interna de $\alpha=0,72$ para $\alpha=0,83$. Os valores *alpha de Cronbach* para a escala do Questionário de Ligação Parental e para o Inventário de Separação Psicológica foram $\alpha=0,76$ e $\alpha=0,89$ respectivamente. O valor total *alpha de Cronbach* para o conjunto das escalas que compõem o instrumento de avaliação foi $\alpha=0,89$.

Para verificação das hipóteses utilizámos o método estatístico de análise de correlação *R de Pearson* com o objectivo de medir a intensidade entre variáveis, e o *modelo estatístico de regressão* para prever o comportamento da variável dependente autonomia (variável endógena ou de resposta), a partir das variáveis independentes carinho e protecção (variáveis exógenas ou predictoras) que integram o estilo parental. Foram ainda utilizados os *testes paramétricos t* para comparação de duas amostras independentes, a fim de testar as hipóteses sobre médias de uma variável de nível quantitativo numa dicotómica; e o *teste One-Way Anova* para análise de variância univariada, a fim de comparar mais de duas amostras independentes (Leitão, 2002; Pestana & Gageiro, 2005). Para o tratamento estatístico dos dados utilizámos o SPSS.

6. Resultados

Como se pode verificar pela tabela seguinte, a Autonomia Funcional em relação ao Pai está positiva e significativamente ($p<0.05$) correlacionada com a dimensão Carinho do Pai, não se verificando o mesmo em relação à dimensão Protecção do Pai.

Tabela 1:
Autonomia Funcional em relação ao Pai
(coeficiente de correlação de *Pearson*)

	Autonomia Fun.	Carinho do Pai	Protecção do Pai
Autonomia Fun.	1,000	$r = 0,449^{**}$	$r = 0,006$
Carinho do Pai		1,000	
Protecção do Pai			1,000

** $p = 0,01$

Observa-se ainda, pelo modelo de regressão linear, que 20,5% da variação média da Autonomia Funcional em relação ao Pai é determinada pela dimensão Carinho do Pai, sendo a restante variação de 3% explicada pela dimensão Protecção do Pai.

Na Autonomia Funcional em relação à Mãe (tabela 2), verifica-se uma correlação significativa ($p<0.05$) de ambas as dimensões do estilo

parental, sendo positiva no caso do Carinho da Mãe e negativa no que toca à Protecção da Mãe. Na análise de regressão linear, 18,7% da variação média da Autonomia Funcional em relação à Mãe é explicada pela dimensão Carinho da Mãe, enquanto a dimensão Protecção da Mãe acrescenta 0,8% à variação do modelo.

Tabela 2:
Autonomia Funcional em relação à Mãe
(coeficiente de correlação de *Pearson*)

	Autonomia Fun.	Carinho da Mãe	Protecção da Mãe
Autonomia Fun.	1,000	r = 0,432**	r = - 0,115**
Carinho da Mãe		1,000	
Protecção da Mãe			1,000

** p = 0,01

No que diz respeito à Autonomia Ideológica em relação ao Pai (tabela 3), verifica-se uma correlação significativa com ambas as dimensões do estilo parental ($p < 0.05$). No entanto, esta correlação é positiva com a dimensão Carinho do Pai e negativa com a dimensão Protecção do Pai.

Tabela 3:
Autonomia Ideológica em relação ao Pai
(coeficiente de correlação de *Pearson*)

	Autonomia Ide.	Carinho do Pai	Protecção do Pai
Autonomia Ide.	1,000	r = 0,408**	r = - 0,253**
Crinho do Pai		1,000	
Protecção do Pai			1,000

** p = 0,01

A dimensão Carinho do Pai contribui com cerca de 16,6% para a variação média da Autonomia Ideológica em relação a este, enquanto a dimensão Protecção do Pai acrescenta 1,2% à variação média do modelo.

A Autonomia Ideológica em relação à Mãe está, como se pode observar na tabela 4, significativamente ($p < 0.05$) associada com ambas as dimensões do estilo parental educativo desta, correlacionando-se positivamente com a dimensão Carinho da Mãe e negativamente com a dimensão Protecção da Mãe.

Tabela 4:
Autonomia Ideológica em relação à Mãe
(coeficiente de correlação de *Pearson*)

	Autonomia Ide.	Carinho da Mãe	Protecção da Mãe
Autonomia Ide.	1,000	r = 0,451**	r = - 0,313**
Carinho da Mãe		1,000	
Protecção da Mãe			1,000

** p = 0,01

A dimensão Carinho da Mãe contribui em cerca de 20,2% para a variação média da Autonomia Ideológica em relação a esta, enquanto a dimensão Protecção da Mãe acrescenta à variável anterior cerca de 1,1%.

Como se pode verificar na tabela 5, a Autonomia Emocional em relação ao Pai está, no que respeita ao estilo parental deste, positivamente associada à dimensão Carinho do Pai e negativamente à dimensão Protecção do Pai. Em ambos os casos esta associação é estatisticamente significativa ($p < 0.05$).

Tabela 5:
Autonomia Emocional em relação ao Pai
(coeficiente de correlação de *Pearson*)

	Autonomia Emo.	Carinho do Pai	Protecção do Pai
Autonomia Emo.	1,000	r = 0,644**	r = - 0,154**
Carinho do Pai		1,000	
Protecção do Pai			1,000

** p = 0,01

Observa-se que 42% da variação média da Autonomia Emocional em relação ao Pai é determinada pela variável Carinho do Pai, enquanto a dimensão Protecção do Pai determina 0,03% na variação do modelo.

Como se constata na tabela 6, ambas as dimensões do estilo parental da Mãe se correlacionam significativamente ($p < 0.05$) com a Autonomia Emocional em relação à Mãe: o Carinho da Mãe correlaciona-se positivamente e negativamente a Protecção da Mãe.

Tabela 6:
Autonomia Emocional em relação à Mãe
(coeficiente de correlação de *Pearson*)

	Autonomia Emo.	Carinho da Mãe	Protecção da Mãe
Autonomia Emo.	1,000	r = 0,606**	r = - 0,301**
Carinho da Mãe		1,000	
Protecção da Mãe			1,000

** p = 0,01

7. Discussão

Os resultados apresentados devem ser interpretados no contexto em que este estudo se situa: por um lado, trata-se de um estudo correlacional e comparativo, isto é, não procura evidenciar relações de causalidade mas sim mostrar que duas variáveis variam conjuntamente, verificando-se um certo tipo de relação sistemática entre elas; por outro lado, a especificidade da amostra estatística utilizada pode dificultar a generalização dos resultados a outros grupos que não estão aqui representados como, por exemplo, adolescentes situados dentro do mesmo grupo etário mas já inseridos no mundo laboral. Sublinhe-se aqui um outro aspecto não menos importante: a avaliação retrospectiva do estilo parental, recorrendo à memória dos adolescentes, remete-nos para a experiência necessariamente subjectiva que estes fizeram do comportamento parental e não para o estilo parental em si mesmo, objectivamente considerado; acresce ainda que esta avaliação é retrospectiva e, como tal, recorre à memória dos sujeitos, o que aumenta o seu carácter subjectivo. Por sua vez, o estilo parental educativo será também um dos factores, entre muitos outros, que contribui para o desenvolvimento e a autonomia dos filhos. Sendo um entre vários factores, será abusivo estabelecer entre estilo parental educativo e autonomia umnexo directo de causalidade. A autonomia depende de muitos outros factores que se estendem do nível individual (temperamento, características de personalidade), ao nível microssistémico (enquadramento familiar, contextos de aprendizagem) e ao nível macrossistémico (inclusão social, cultural e económica).

A análise dos dados sustenta empiricamente que a dimensão do comportamento parental identificada como Carinho – e que se consubstancia na expressão de apoio, aprovação, aceitação, compreensão e proximidade – se correlaciona sempre, quer tenha origem no pai ou na mãe, com o comportamento autónomo dos adolescentes em

relação aos seus pais, reflectindo-se não só na sua capacidade para resolver problemas práticos, ligados ao quotidiano, mas também para se diferenciarem nas atitudes, crenças e valores e, ainda, para se libertarem de uma excessiva necessidade de aprovação e apoio emocional parental. Pelo contrário, a dimensão do comportamento parental identificada como Protecção – expressa por atitudes intrusivas, excessivamente próximas e controladoras – inibe a conduta autónoma dos adolescentes, quer se trate da autonomia funcional, ideológica ou emocional. Quando analisada a influência de cada uma das dimensões Carinho e Protecção que compõem o estilo parental sobre a variável de resposta Autonomia do Adolescente, verifica-se empiricamente que a variável Carinho é determinante, situando-se entre 16,6% e 42% a sua contribuição para a variação média do valor da autonomia. Assinale-se aqui, no entanto, que a expressão de excessiva proximidade e controlo, identificada como a dimensão do comportamento parental Protecção do Pai, não se correlaciona, nem positiva nem negativamente, com a Autonomia Funcional do Adolescente em relação ao Pai. Pensamos que o contexto de vida em que se situam os participantes neste estudo explica este particular aspecto: trata-se de estudantes do Ensino Superior que, efectivamente, dependem do apoio económico dos seus pais – porventura mais do pai do que da mãe, devido ao estatuto tradicional de ganha-pão daquele; assim, a intromissão do pai, que poderia ser vista como intrusiva e preventiva da autonomia do adolescente, será também sentida por este como necessária à sua sobrevivência. Aliás, encontra-se aqui, na nossa perspectiva, uma metáfora da condição adolescente enquanto fase de transição entre a infância e a idade adulta: a expressão do desejo de autonomia, de afirmação pessoal e de conquista de estatuto social, tantas vezes manifesta em fantasias de independência, confronta-se com a dependência económica em relação aos pais e com uma incontornável situação de subalternidade que daí resulta, verdadeiro limite imposto pela realidade ao sonho da autonomia. Constatamos que a influência da variável Carinho se faz sentir com mais peso na variável de resposta Autonomia Emocional do Adolescente. De facto, quando comparamos o contributo da variável exógena Carinho para a variação média do valor da variável endógena Autonomia do Adolescente, verificamos que esse contributo é preponderante no caso da variação da Autonomia Emocional. Significa isto, a nosso ver, que muito embora a expressão de aceitação, calor afectivo, apoio e compreensão sejam sempre determinantes para a autonomia do adolescente, o peso dessa dimensão do comportamento parental é sobretudo importante para a diferenciação em relação ao sistema normativo parental e uma relativa independência em relação à necessidade excessiva de aprovação, proximidade e apoio emocional dos pais. Dito de outro modo, a dimensão Carinho do comportamento parental revela-se na nossa amostra como o suporte afectivo que conduz à autonomia do adolescente e o seu valor preditor faz-se sentir especialmente na

autonomia emocional; é justamente por se sentirem aceites pelos seus pais que os adolescentes se conseguem autonomizar emocionalmente em relação a eles.

Os resultados obtidos estão genericamente de acordo com outras investigações que sustentaram esta hipótese de investigação. A investigação conduzida por Fleming (1988, 1993, 2005), concluiu que a percepção das atitudes parentais explica 14,8% da variabilidade total da capacidade de realização da autonomia, demonstrando que as variáveis com mais impacto no modelo preditor da capacidade de realização da autonomia são, para além da idade, a percepção das atitudes parentais que encorajam a autonomia, verificando-se que a capacidade de realização da autonomia aumenta à medida que aumenta a intensidade de percepção de pais encorajadores de autonomia, tanto na adolescência inicial como na adolescência média e final; pelo contrário, ainda de acordo com os resultados desta investigação, a capacidade de realização da autonomia diminui quando o adolescente tem uma percepção muito elevada de pais que exercem demasiado controlo sobre o seu comportamento, sobretudo na adolescência média e final. Alarcón (1987), na investigação que desenvolveu sobre os processos de separação no adolescente, concluiu que a qualidade positiva do suporte parental facilita o processo de autonomização do adolescente, estando positivamente associado ao apoio parental; pelo contrário, quando a atitude parental se traduz por culpabilização, protecção e possessividade, dá lugar a uma diminuição da autonomia do adolescente. A investigação desenvolvida por Beyers & Goossens (2003) aponta para uma correlação positiva entre a capacidade de autonomia em relação aos pais e um estilo parental caracterizado por níveis elevados de aceitação e compreensão empática e baixos níveis de controlo psicológico. Numa outra investigação baseada num estudo longitudinal, os mesmos autores (Beyers & Goossens, 2004), concluíram que as práticas parentais que expressam apoio e compreensão estimulam a autonomia dos adolescentes e reduzem o nível de conflitualidade entre estes e os pais. Contudo, se as práticas parentais forem demasiado envolventes (no sentido de uma grande proximidade afectiva), os adolescentes, embora se tornem mais autónomos, fazem-no mantendo conflitos ligados com o movimento de separação em relação aos seus pais. Estes autores assinalam assim a importância das práticas parentais se ajustarem à idade dos adolescentes, sugerindo que as boas práticas parentais na adolescência compreendem também o estilo parental permissivo, segundo a clássica designação tipológica de Baumrind (1968, 1991) e Maccoby & Martin (1983), de forma a ser dado espaço para que o adolescente desenvolva a sua própria independência. A confirmação desta nossa hipótese de investigação está também de acordo com a revisão da literatura que a enquadra teoricamente. Assim, as conceptualizações desenvolvidas por Sampaio (2005), Dias & Fontaine (1998, 2001), Barber (1997, 2002), Baumrind (1968, 1991), Bronfenbrenner &

Morris (1999), Gomes-da-Costa (2006), Grotevant (1993), Maccoby & Martin (1983), Parker (1983), Purdie, Carroll & Roche (2004), Steinberg (1990, 1991) e Steinberg & Silk (2002), sustentam que o tipo de comportamento parental caracterizado pela aceitação e compreensão empática, pelo apoio e proximidade não intrusiva, estimulam a autonomia; pelo contrário, a protecção excessiva e o controlo psicológico – caracterizado pela infantilização, manipulação emocional e culpabilização – previnem a conduta autónoma, favorecem a dependência e associam-se a problemas de comportamento.

A variável Protecção é assumida na nossa investigação com o significado original que lhe foi conferido por Parker et al. (1979/1990): *overprotection*. Esta superprotecção traduz realmente um excesso de protecção, um sobreinvestimento parental, que assume diversas modalidades relacionais entre pais e filhos adolescentes, necessariamente matizadas pela cultura familiar e pelos modos de expressão comunicativa da família. O seu denominador comum reside no facto de favorecer a dependência e inibir a autonomia, quer através do controlo psicológico (Barber, 1997, 2002; Barber & Harmon, 2002), quer através de uma proximidade intrusiva, quer ainda pelo excesso de gratificação. O controlo psicológico recorre à manipulação, à indução de um sentimento de culpa e à infantilização; de forma latente ou manifesta, as mensagens que os pais transmitem aos filhos inibem a autonomia, acentuam os laços de dependência e geram conflitos, podendo ser vistas, numa perspectiva sistémica, como o reforço dos mecanismos homeostáticos da família que se opõem à mudança do sistema. A dimensão Protecção do estilo parental pode também configurar um excesso de proximidade entre os pais e os filhos, proximidade que assume assim uma característica intrusiva, invasora dos limites individuais do adolescente, da sua esfera privada e frequentemente até da sua intimidade, que acaba por se revelar um escolho para o desenvolvimento. A dimensão Protecção pode ainda traduzir-se por um excesso de gratificação parental como acontece, por exemplo, no prolongamento, para além do razoável, do apoio e suporte financeiro aos jovens adultos, impedindo-os assim de saírem da adolescência e constituírem vida autónoma. Os adolescentes percebem a mãe como mais envolvida do que o pai na sua função parental, classificando o estilo parental da mãe como mais carinhoso mas também mais protector do que o do pai. Gostaríamos também de sublinhar aqui alguns dados que parecem confirmar a alteração da imagem tradicional do pai: o pai que se impunha pela autoridade, distante e por vezes mesmo despótico, vai dando lugar à emergência do novo pai, carinhoso, próximo, envolvido e envolvente: a maioria (55,7%) dos adolescentes percebe o estilo parental do pai como apoiante, compreensivo e próximo, classificando-o nos quadrantes ligação óptima (36%) e controlo com afecto (19,7%).

8. Conclusões

A correlação positiva que se confirmou na nossa amostra entre a dimensão Carinho e a autonomia na fase final da adolescência, permite concluir que os pais continuam a ser importantes referências de vinculação e apoio, permitindo assim que os filhos adolescentes se vão autonomizando, sem que seja necessário mobilizar a agressividade para provocar roturas. Pelo contrário, o modelo de compreensão da separação entre os adolescentes e os seus pais que se refere ao conflito de gerações como algo inevitável e normativo, não se confirma na nossa amostra: os adolescentes mais autónomos são aqueles que percebem os seus pais como apoiantes e compreensivos, calorosos e próximos sem serem intrusivos. Uma das condições para a autonomia dos adolescentes é o sentimento de terem vínculos seguros que os liguem aos pais. No entanto, o desenvolvimento da autonomia está também associado ao comportamento parental que favorece a individuação e a separação. Quando há excesso de vinculação e pouca individuação os adolescentes podem apresentar uma identidade outorgada e, pelo contrário, quando a vinculação é fraca e a individuação acentuada, podem apresentar uma identidade difusa. O desenvolvimento da autonomia na adolescência parece pois situar-se na interação dinâmica entre vinculação e individuação, entre ligação e separação: o adolescente precisa de se sentir ligado – mas não amarrado – aos pais para deles se poder separar e tornar-se autónomo. O adolescente precisa de enraizar a sua identidade, o seu ser pessoa, não só na sua história pessoal e familiar – e, neste sentido, o sentimento de pertença a uma família e de apego aos pais parece-nos essencial –, mas também de traçar um projecto de vida pessoal, que o diferencie da família de origem e lhe permita correr os riscos inerentes a todo o movimento de separação e autonomia. Para ser bem sucedido nesta tarefa, precisa de saber que conta com os pais, mas também que estes não serão uma pedra de tropeço na sua caminhada para a autonomia.

Referencias Bibliográficas

- Ainsworth, M. (1976). Relações Objectais, Dependência e Vinculação: Uma Análise Teórica das Relações da Criança com a Mãe. In *As Ligações Infantis* (pp.155-225). Lisboa: Bertrand (original publicado em 1969).
- Alarcão, M. (1987). Para uma Abordagem dos Processos de Separação no Adolescente. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXI, 583-613.
- Almeida, M-J., Dias, G. & Fontaine, A-M. (1996). Separação Psicológica das Figuras Parentais em Jovens Universitários: Adaptação do Psychological Separation Inventory de Hoffman à População Portuguesa. *Psiquiatria Clínica*, 17, 1, 5-17.

- Baptista, A. & Lory, F. (1997). Questionário de Ligação Parental. Validação para a População Portuguesa do Parental Bonding Instrument. In M. Gonçalves (Ed.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, V. Universidade do Minho.
- Barber, B. (1997). Adolescent Socialization in Context: The Role of Connection, Regulation and Autonomy in the Family. *Journal of Adolescent Research*, 12, 5-11.
- Barber, B. (2002). Reintroducing Parental Psychological Control. In B. Barber (Ed.), *Intrusive Parenting: How Psychological Control Affects Children and Adolescents* (pp. 3-14). Washington, DC: APA.
- Barber, B. & Harmon, E. (2002). Violating the Self: Parental Psychological Control of Children and Adolescents. In B. Barber (Ed.), *Intrusive Parenting: How Psychological Control Affects Children and Adolescents* (pp. 15-52). Washington, DC: APA.
- Baumrind, D. (1968). Authoritarian vs. Authoritative Parental Control. *Adolescence*, 3, 255-272.
- Baumrind, D. (1991). Parenting Styles and Adolescent Development. In R. Lerner, A. Petersen, & J. Brooks-Gunn (Eds.), *Encyclopaedia of Adolescence* (pp. 746-758). New York: Garland.
- Beyers, W. & Goossens, L. (2003). Psychology Separation and Adjustment to University: Moderating Effects of Gender, Age, and Perceived Parenting Style. *Journal of Adolescence Research*, 18, 4, 363-382.
- Beyers, W. & Goossens, L. (2004). Contributions of Parenting to the Separation-Individuation Process in Late Adolescence: A Three-Wave Longitudinal Study. (Paper presented at the 10th Biennale Meeting of the Society for Research on Adolescence). Baltimore.
- Blos, P. (1979). *The Adolescent Passage*. New York: International University Press.
- Blos, P. (1985). *Adolescência*. São Paulo: Martins Fontes (original publicado em 1962).
- Bowlby, J. (1976). A Natureza da Ligação da Criança com a Mãe. In *As Ligações Infantis* (pp. 105-153). Lisboa: Bertrand (original publicado em 1958).
- Brazelton, B. (2005). As Necessidades Irredutíveis da Criança. In J. Gomes-Pedro (Ed.), *Mais Criança – As Necessidades Irredutíveis* (pp. 45-51). Lisboa: Clínica Universitária de Pediatria - Faculdade de Medicina de Lisboa.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1999). The Ecology of Developmental Process. In J. Gomes-Pedro (Ed.), *Stress e Violência na Criança e no Jovem* (pp. 21-95). Lisboa: Clínica Universitária de Pediatria – Faculdade de Medicina de Lisboa.
- Deslandes, R. & Potvin, P. (1998). Les Comportements des Parents et les Aspirations Scolaires des Adolescents. *La Revue Internationale de l'Éducation Familiale*. (AIFREF) 2:1, 9-24.
- Dias, G.F. & Fontaine, A-M. (1998). Famille, Autonomie et Bien-Être au Début de l'Age Adulte. In A-M. Fontaine & J-P. Pourtois (Eds.), *Regards sur l'Éducation Familiale* (pp. 67-79). Bruxelles: DeBoeck Université.

- Dias, G.F. & Fontaine, A-M. (2001). *Tarefas Desenvolvimentais e Bem-Estar de Jovens Universitários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Fleming, M. (1988). *Autonomia Comportamental na Adolescência e Percepções das Atitudes Parentais*. Tese de Doutoramento. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar – Universidade do Porto.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e Autonomia: O Desenvolvimento Psicológico e a Relação com os Pais*. Porto: Afrontamento.
- Fleming, M. (2005). *Entre o Medo e o Desejo de Crescer – Psicologia da Adolescência*. Porto: Afrontamento.
- Gomes-da-Costa, J. (2006). *Estilos Parentais e Autonomia na Adolescência*. Tese de Doutoramento. Vila Real: UTAD.
- Grotevant, H. (1993). The Integrative Nature of Identity: Bringing the Soloists to Sing in the Choir. In J. Kroger (Ed.), *Discussions on Ego Identity* (pp. 121-146). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hoffman, J. (1984). Psychological Separation of Late Adolescents from their Parents. *Journal of Counselling Psychology*, 31, 70-178.
- Leitão, J.C. (2002). *Metodologia de Investigação em Educação Física e Desporto: Introdução à Investigação Experimental* (série didáctica 206). Vila Real: UTAD.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the Context of the Family: Parent-Child Interaction. In E. Hetherington & P. Mussen (Eds.), *Handbook of Child Psychology*, (vol. IV, pp. 1-101). New York: John Wiley & Sons.
- Melis, F., Dávila, M., Ormeño, V., Vera, V., Greppi, C. & Gloger, S. (2001). Estandarización del PBI – Versión Adaptada a la Población entre 16 y 64 años del Gran Santiago. *Revista Chilena de Neuro-Psiquiatria*, 39, 132-139.
- Parker, G. (1983). *Parental Overprotection: A Risk Factor in Psychosocial Development*. New York: Grune & Stratton.
- Parker, G. (1986). The Parental Bonding Instrument: Psychometric Properties Reviewed. *Psychiatric Developments*, 4, 317-335.
- Parker, G., Tupling, H. & Brown, L. (1990). A Parental Bonding Instrument. In J. Touliatos (Ed.), *Handbook of General Family Measurement Techniques* (pp. 377-378). London: Sage Publications, Inc. (original publicado em 1979).
- Pereira, A. (2003). *Guia prático de Utilização do SPSS – Análise de Dados para Ciências Sociais e Psicologia* (4ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pestana, M. & Gageiro, J. (2005). *Análise de Dados para Ciências Sociais: A Complementaridade do SPSS* (4ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Purdie, N., Carroll, A. & Roche, L. (2004). Parenting and Adolescent Self-Regulation. *Journal of Adolescence*, 27, 663-676.
- Sampaio, D. (2005). As Necessidades de Educação Familiar. In J. Gomes-Pedro (Ed.), *Mais Criança – As Necessidades Irredutíveis* (pp. 439-443). Lisboa: Clínica Universitária de Pediatria – Faculdade de Medicina de Lisboa.

- Steinberg, L. (1990). Interdependence in the Family: Autonomy, Conflict and Harmony in the Parent-Adolescent Relationship. In S. Feldman & G. Elliott (Eds.), *At the Threshold: The Developing Adolescent* (pp. 255-276). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Steinberg, L. (1991). Parent-Adolescent Relations. In R. Lerner, A. Petersen, & J. Brooks-Gunn (Eds.), *Encyclopaedia of Adolescence* (pp. 724-728). New York: Garland.
- Steinberg, L. & Silk, J. (2002). Parenting Adolescents. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting* (vol. 1, pp. 103-133). (2nd. ed.). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.